

RESERVISTA: O EXÉRCITO TE ESPERA DE BRAÇOS ABERTOS!

Mobilização e adestramento de praças para o Exército Brasileiro no Piauí durante a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial, 1942-1944

Wanderson Ramonn Pimentel Dantas¹

Resumo: o presente artigo visa problematizar a preparação dos praças e reservistas que prestaram serviço no Exército brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial. No primeiro momento da discussão será introdutório. O artigo busca introduzir questionamentos sobre a História Militar, no intuito de tecer discussões em torno do lugar da operação historiográfica ao falar sobre guerras, exércitos e soldados. Dessa forma, essa problemática proporá uma breve contribuição para o que será abordado em sequência sobre o Exército. O artigo busca, subsequentemente, compreender a partir das fontes a viabilização da mobilização de homens para o Exército, cujo intuito, era a formação de um Exército profissional. Quais os aspectos a mobilização dos civis para o serviço militar e a dificuldade gerada. No terceiro momento, o objetivo é o cotidiano do Batalhão, cujos homens foram direcionados para cumprirem o serviço militar. Trabalhar a questão do adestramento desses soldados no tempo de guerra e como era viabilizada a preparação desses soldados para a guerra em que o Brasil estava imerso.

Palavras-chave: História Militar, Exército, Mobilização.

INTRODUÇÃO

A guerra é uma prática cultural. O combate é eminentemente feito por homens. Os homens estão dispostos ao longo do tempo em combate, motivados por forças que necessariamente os impele a afronta. Por mais que as formas de fazer guerra tenham mudado gradativamente ao longo dos séculos, a guerra é feita por homens. Ao entendermos isso, é interessante compreender que, por se compor da força humana, a guerra mais do que nunca envolve o aspecto cultural. Urge, conseqüentemente

a necessidade de compreensão das relações entre a sociedade e a instituição militar tem forçado muitos historiadores a olhar para o passado com outros olhos. Assim, com novas possibilidades, tem sido possível trabalhar a Nova História Militar desde uma perspectiva cultural, passado por temáticas sociais, e avançando a discussão para além do cerne político.²

Devemos compreender, portanto, que a guerra é um dos objetos da História, ao dar cabo no discurso da Nova História Militar.³ Entretanto, nem sempre a História Militar foi

¹ Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí. Atualmente, é mestrando em História do Brasil pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil – PPGHB-UFPI. Email: wandersonrpd@gmail.com.

² ARAUJO, Johny Santana de. Para uma nova História Militar: repensando uma abordagem até então esquecida. In: ARAUJO, Johny Santana de; LIMA, Frederico Osanan Amorim; *et al.* **História entre fontes, metodologias e pesquisa**. Teresina: EDUFPI, 2011. p. 25

³ “A guerra está indiscutivelmente ligada à economia, à diplomacia e apolítica, como demonstram os teóricos. Mas a ligação não significa identidade ou mesmo semelhança. A guerra é completamente diferente da diplomacia ou da política porque precisa ser travada por homens cujos valores e habilidades não são os dos políticos e diplomatas. São valores de um mundo à parte, um mundo muito antigo, que existe paralelamente ao mundo do cotidiano mas não pertence a ele”. KEEGAN, JOHN. **Uma história da guerra**. Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 17

de certa forma pensada no campo acadêmico.⁴ O discurso que ela reverberou por muito tempo foi um reflexo das práticas militares. Eles atuaram como guardiões do que foi dito sobre o mundo militar ao falar, por exemplo do Brasil.⁵ As duas instituições são diferentes na sua forma de falar sobre a história até por enxergá-la em aspectos completamente diferentes uma da outra. Isso é comprovável quando entra em cena a prerrogativa levantada por Michel de Certeau ao acreditar que “é, pois, impossível analisar o discurso histórico independentemente da instituição em função do qual ele se organiza silenciosamente [...]”⁶. Ele, mais a frente, discorre sobre a prerrogativa do lugar na operação quando ele considera que

encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), *procedimentos* de análise (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura). É admitir que ela faz parte da ‘realidade’ da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada ‘enquanto atividade humana’, ‘enquanto prática’. Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um *lugar* social, de *práticas* ‘científicas’ e de uma *escrita*. Essa análise das premissas, das quais o discurso não fala, permitirá dar contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto.⁷ (grifo do autor)

Ao deslocar a instituição do Exército para a academia, o *não-dito*, passa a incorporar o discurso por ter um novo lugar, ao utilizar novos procedimentos de análise, imersos na perspectiva cultural que abunda explicações na seara da Nova História Militar. Concluimos que a História, por seu turno, “seguramente é a mais completa das ciências humanas”.⁸

A abordagem da História Militar sempre foi mais ligada ao político, tanto que falar de política era quase que necessário abordar o militar no seu cerne. Dessa forma, podemos

⁴ “A história militar acadêmica tem tido uma trajetória difícil no Brasil. A expansão das universidades e o fortalecimento da história como profissão (a partir da segunda metade do século XX) coincidiram com a intensificação do envolvimento militar na política e, acima de tudo, com o regime militar de 1964-85, que desencorajou a pesquisa acadêmica sobre as Forças Armadas. A academia dedicou pouca atenção à história militar para além do estudo do envolvimento militar na política — ponto problemático num regime autoritário”. CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik. Da história militar à “nova” história militar. In: **Nova História Militar Brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 158-162

⁵ “Foi somente a partir da década de 1890 que emergiu um gênero identificável de história militar brasileira, coincidindo com o crescimento e o fortalecimento institucionais do Exército. Entre esses escritores predominavam militares que, por gerações, receberam apoio institucional do Exército”. Ibidem, p. 187-190

⁶ CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 56.

⁷ Ibidem, p.56.

⁸ Ibidem, p.25.

inferir o mesmo que Johny Santana de Araújo ao considerar que certamente “tal como a Nova História, ou a Nova História Cultural, há uma Nova História Militar. Não é aquela dos Generais, das batalhas e estratégias das grandes manobras; há uma nova história militar cujo o cerne é a própria sociedade”.⁹ Até porque, Marc Bloch completa, “raramente um líder consegue ter a si mesmo como sua própria testemunha”.¹⁰

A Nova História Militar tem realizado diálogos interessantes com outras áreas, numa tentativa de sanar deficiências que são inerentes a forma de como observar e analisar esses militares. A Antropologia tem sido uma “arma” bastante significativa na forma de entender os militares. Ao horizontalizar os militares como “nativos” onde esquematicamente há o estudo do “ponto de vista dos nativos”¹¹.

No entanto, ao problematizar questões relacionadas ao pré-FEB, mais especificamente a preparação dos piauienses, não é intuito deste remeter-se ao temido “mito das origens”¹², que é tão questionado por Marc Bloch. Procuramos aqui, problematizar com as fontes e discussões, o quão foi problemático esse período de preparação para a guerra, como os imbróglis característicos da época. Há poucas documentações acessíveis de cunho militar no que se remete a esse recorte. Se bem que o aspecto militar está bem presente dentro da sociedade brasileira e piauiense da década de 40, permitindo que tenhamos contato com o militar pelo aspecto do civil. Para isso, o trabalho com indícios é fundamental, ou seja, precisamente o paradigma indiciário. Carlo Ginzburg acredita que o paradigma indiciário é “a existência é reforçada no próprio momento em que se afirmar que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”.¹³ E, ele completa que

⁹ Ibidem, p.26.

¹⁰ BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p.70.

¹¹ Esse é um conceito pensado por Clifford Geertz, no qual ele acredita que para analisar esse ponto de vista é necessário que o pesquisador se distancie do seu objeto. Para ele, “o truque é não se deixar envolver por nenhum tipo de empatia espiritual interna com seus informantes. Como qualquer um de nós, eles também preferem considerar suas almas como suas, e, de qualquer maneira, não vão estar muito interessados neste tipo de exercício. O que é importante é descobrir que diabos eles acham que estão fazendo”. GEERTZ, Clifford. “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. In: **O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa**. Trad. de Vera Joscelyne. 14. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 62.

¹² Marc Bloch sempre é entusiasta da prerrogativa do presente sobre o objeto da história. Nada pode ser analisado se não tem como base o presente. Ele acredita que o erro de muitos historiadores está em querer julgar os acontecimentos a partir do “ídolo satânico das origens”. A causa tem preponderância na tese dele. Ele irá deixar isso bem claro e definido. Cf. BLOCH, Marc Leopold Benjamin. op. cit., p. 56-60.

¹³ GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Trad. de Federico Carotti, 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 177.

Trata-se de formas de saber tendencialmente *mudas* – no sentido de que, como já dissemos, suas regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas. Ninguém aprende o ofício de coordenador ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática as regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição.¹⁴ (grifo do autor)

Ou seja, não é nenhum método pronto, e vai requerer bastante da subjetividade e da sensibilidade do historiador. O historiador é um caçador. É um método que será preciso, conforme o olhar do historiador para as fontes. É função do historiador perguntar as fontes e saber ler os indícios que essas fontes deixam.

A GUERRA E O EXÉRCITO

A guerra em que o Brasil estava em guerra em 1942 foi a guerra total do século XX. Por isso Eric J. Hobsbawm afirmou que “praticamente todos os Estados independentes do mundo envolveram, quisessem ou não, embora as repúblicas da América Latina só participassem mais de forma nominal”.¹⁵ No entanto, há uma contraposição a ser feita com relação a última parte da citação. Essa contraposição é o Brasil, o único país da América Latina a participar efetivamente da guerra com o envio de uma Divisão de Infantaria, ou melhor, a Força Expedicionária Brasileira¹⁶. Uma participação ligeiramente modesta, se comparada os beligerantes dessa guerra total. A Segunda Guerra Mundial marcou pelas suas evoluções surpreendentes no campo da estratégia, no envolvimento da tecnologia com o adestramento dos corpos para o combate.

O alinhamento do Brasil com a causa dos Aliados¹⁷, explica depois da sequência de navios afundados da marinha mercante a somar com a pressão popular o Brasil declara beligerância¹⁸ à Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini.¹⁹ Ao considerar a situação

¹⁴ Ibidem, p. 147-148.

¹⁵ HOBBSAWM, Eric J., **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. Trad. de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das letras, 1995. p. 31

¹⁶ “O papel do Brasil não se limitaria a atos formais, cessão de bases e venda de matéria-prima. A contribuição iria além: lutaria nos campos de batalha, constituindo-se na primeira nação a atravessar a linha do Equador com suas tropas”. SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 44.

¹⁷ Vem de *Expeditionary Allied Forces*. As democracias liberais ocidentais junto com a URSS assim se denominavam.

¹⁸ Beligerância é um Estado do qual toda a nação fica em estado de alerta para algum acontecimento que interfira na ordem.

¹⁹ Celso Castro fará uma importante discussão nesse sentido. Para ele, o estudo da FEB deve ser dosado pelo viés da memória. Há uma enorme discussão a respeito da batalha pela memória entre o discurso oficial e os pracinhas. Mas, ele considera que “o discurso oficial de que a nação estava indignada com as agressões alemãs, de que se lutava pelo mundo livre contra o fascismo e de que, portanto, o envio da FEB e sua atuação foram justificáveis precisa ser, em algum nível e em algumas situações, afirmado pelos veteranos mesmo os mais críticos”. Ou seja, mesmo que haja uma batalha pela memória, elas também se

internacional o Brasil é induzido pelos Estados Unidos a entrar na guerra.²⁰ Por quê? Com o ataque a baía de *Pearl Harbor*²¹ em dezembro de 1941, o Brasil junto com os outros países do continente americano foi induzido a aderir a causa dos americanos.²² Àquela altura, a tomada de posição sobre qual lado tomar, poderia gerar consequências pesadas para a política externa.²³ Contudo, não foi somente esse motivo.

O Brasil na guerra precisava mais do que nunca das Forças Armadas, principalmente do Exército e da Marinha. A guerra estava próxima do litoral, então eram necessárias medidas que atuassem no sentido da proteção nacional. Dessa forma, a posição do Exército é privilegiada No Estado Novo. O Exército terá um papel importante por ser a força que se tornou a matriz de Getúlio Vargas no Poder. Frank D. McCann Jr. fala da relação ao destacar que

Vargas foi um mestre da manobra. Seu poder se apoiava nas Forças Armadas e, apesar disso, nunca deixou de ser ele próprio, nunca lhes foi subserviente; de certa maneira, conseguiu ser a instância última das controvérsias tanto militares quanto civis.²⁴

O Exército brasileiro (juntamente com a Marinha de Guerra) precisava guardar as costas litorâneas do Brasil, porque a *Kriegsmarine*²⁵ rondou o litoral brasileiro afundando vários barcos da Marinha Mercante. Esse fato remonta a um dado triste da sociedade brasileira aquela época porque não havia transporte rodoviário já que o Brasil era

entrelaçam. Ver mais em: CASTRO, Celso. **Exército e nação**: estudos sobre a história do exército brasileiro. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p. 139

²⁰ “A decisão de romper com o Eixo estivera dependendo da adesão da Argentina (sic) à Declaração do Rio e da promessa de Summer Welles de que os Estados Unidos forneceriam armas. Vargas havia comprometido a Nação contra os conselhos de seu ministro da Guerra e do chefe do Estado-Maior. Sua permanência no poder dependia da habilidade em mostrar que a decisão tomada beneficiaria o Brasil: se os EUA fornecessem assistência militar e econômica seria bem quisto pelos militares; se não, o esquema seria mudado”. MCCANN JR, Frank D. **aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945**. Trad. Jayme Taddei e José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Bibliex, 1995. p. 209.

²¹ *Pearl Harbor* é uma baía localizada na ilha do *Hawaii* sob domínio americano. Essa ilha tinha dentro de suas divisas a esquadra da marinha que seria utilizada para o patrulhamento do oceano Pacífico. Foi por lá que o Império do Japão desferiu um ataque surpresa em dezembro de 1941.

²² “E depois que, em dezembro de 1941, centenas de aviões japoneses, baseados em porta-aviões, atravessaram todo o Oceano Pacífico para atacar Pearl Harbor, o perigo parecia mais iminente ainda. Os Estados Unidos declaram guerra contra o Eixo, e exigiram uma tomada de posição dos demais países do continente americano. Não era mais possível ostentar neutralidade e, pressionada pelo vizinho mais poderoso, a maioria dos países latino-americanos rompeu relações diplomáticas com a Alemanha, a Itália e o Japão, ainda em janeiro de 1942, na conferência de Chanceleres, no Rio de Janeiro”. FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 14

²³ “É difícil permanecer neutro quando acontece uma guerra mundial. Se o país não vai à guerra, a guerra pode vir a ele. Países fracos militarmente têm ainda menos opção”. BONALUME NETO, Ricardo. **A nossa Segunda Guerra**: os brasileiros em combate, 1942, 1945. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura. 1995. p. 29.

²⁴ *Ibidem*, p. 24

²⁵ Marinha de Guerra Alemã.

completamente atrasado a época. O único transporte era o mar. E o mar em 1942 era envolto de perigos pela campanha submarina alemã, o que gerou a série de afundamentos.

Ao considerarmos que

o Brasil de Vargas era, em espírito e realidade, um país rural que apenas começava a povoar os seus 8,5 milhões de quilômetros quadrados de território. Mais de 90% de seus 41 a 42 milhões de habitantes se acumulavam em 320km de uma costa atlântica de 7.408 km, da Guiana Francesa ao Uruguai. Aproximadamente 70% viviam em áreas rurais e somente Rio de Janeiro e São Paulo podiam ostentar mais de um milhão de habitantes. Pobreza, desnutrição e doença afligiam um interior dominado por uma agricultura monocultora – geralmente de café, algodão e cacau. A agricultura de subsistência era o modo de vida de milhões.²⁶

Esse é o panorama da sociedade brasileira da década de 40. Os praças mobilizados viriam dessa sociedade. A essa prerrogativa, devemos somar ainda que “o Brasil não tinha Forças Armadas poderosas que pudessem auxiliar decisivamente seja ao Eixo, seja aos Aliados.²⁷ Conseqüentemente, com o Brasil em guerra

até final de 1942, o Alto Comando do Exército brasileiro não apresentou qualquer projeto sobre atuação extra-hemisférica. A preocupação sobre a mobilização militar nacional para a guerra, contudo, está presente nos escritos tanto de Dutra como do Chefe do Estado Maior.²⁸

A conclusão é óbvia. O Exército não estava preparado para a guerra das proporções que estavam entrando. Havia um plano de mobilização, como foi supracitado, mas como realizar uma mobilização geral em 24 horas, se o Exército levou 2 anos para mobilizar uma divisão de infantaria? Havia dificuldades. Elas eram estampadas por todas as unidades no Brasil. Dificuldades de todo o vulto. Uma tarefa de mobilização geral, tornou-se hercúlea.

As dificuldades do Exército brasileiro são de longa data. O ministro da guerra que era, na linha de hierarquia militar²⁹, o general de divisão³⁰ Eurico Gaspar Dutra entendia isso. Por isso ele era a favor de medidas enérgicas na estrutura do Exército Brasileiro. Ao fazer um recuo ao ano de 1939, considera-se durante toda a década de 40, a necessidade de mudanças que modifique as bases do Exército. Dutra era um admirador do combate e

²⁶ MCCANN JR. Frank D. op. cit., p. 25

²⁷ Ibidem, p. 30

²⁸ ALVES, Vagner Camilo. Armas e Política: O Exército e a constituição da Força Expedicionária Brasileira (FEB). In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOCS, 30, 2006, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: Encontro Anual da ANPOCS. p. 4

²⁹ A Hierarquia militar vai do menos graduado ao mais graduado. Começa com o tenente até o marechal.

³⁰ General de divisão é uma das mais altas graduações recebidas dentro da hierarquia militar.

da organização da *Wehrmacht*³¹. Ao ver o que foi feito em 1939 com a Polônia, ele clamava por mudanças urgentes principalmente ele olha para a organização de outros exércitos que possuem

a estrutura geral dos exércitos tomou então aspecto eminentemente técnico-mecânico e seu emprego exige atualmente conhecimentos essencialmente científicos. O soldado, e sobretudo o oficial, é um guerreiro especial para quem, hoje em dia, não bastam apenas a força e a coragem, como elementos quintessenciais de sucesso, porém, forte dose de bom-senso, caráter e vasta cultura profissional.³²

Desde o início da guerra, o general Dutra já alertava para a necessidade desse vulto. Era preciso um Exército técnico. Houve uma tentativa da modernização com a Missão Militar Francesa³³ depois da imagem deixada pelo Exército francês em 1918.³⁴ Essa missão foi contratada pelo Exército em 1921. No entanto, com os fracassos em 1940 da França, Bélgica, Luxemburgo e Holanda no avanço avassalador da *Wehrmacht* aumentaram as desconfianças dessa estrutura. Esta ao aplicar a *Blitzkrieg*³⁵, deixou o modelo malquisto aos olhos do mundo que se espelharam no Exército Francês.³⁶

³¹ Segundo René Rémond, a mudança do nome das Forças Armadas alemãs não ficou somente nisso. Há muito além da mudança. A sacada política está inserida na mudança. A *Reichswehr* era quem controlava os partidários veteranos da primeira guerra mundial. Com Hitler, a *Reichswehr* se torna a *Wehrmacht*, marcando o controle do partido sob o Exército. Cf. REMOND, René. **O século XX: 1914 aos nossos dias**. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 101

³² BRASIL. Ministério da Guerra. **Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo general de divisão Eurico Gaspar Dutra Ministro de Estado da Guerra**. Rio de Janeiro. Imprensa Militar. 1940. 199p. p. 63

³³ São Paulo e Minas Gerais já haviam contratado os serviços dessa missão antes do Exército Brasileiro, ainda durante a Primeira Guerra. Se bem que o desejo de uma missão germânica era bem mais candente do que o de uma missão francesa. No entanto, com as ações do Império Alemão na primeira guerra, não havia mais essa possibilidade. Portanto, as negociações foram interessantes impelindo que o Exército recebesse como chefe dessa missão, o inexperiente general Maurice Gamelin. Ela permaneceu até o fim da Segunda Guerra Mundial. Cf. MALAN, Alfredo Souto. **Missão Militar Francesa de instrução junto ao Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988. P. 10-13

³⁴ Ao fazer alusão a René Remond novamente, sua explicação do papel da França depois da Primeira Guerra Mundial é importante. Ele acredita que “[...] a lembrança de Verdun eclipsa todas as outras batalhas. O exército francês impôs-se como o primeiro da Europa e do mundo. As instituições da França são copiadas pela maioria dos novos Estados: a Tchecoslováquia, a Polônia e outros países adotam constituições inspiradas no modelo político da França”. Caso semelhante aconteceu com o Brasil. *Ibidem*, p. 32

³⁵ “A *Blitzkrieg*, porém, obteve resultados negados a comandantes anteriores, cuja habilidade para explorar o sucesso no ponto de assalto estava limitada pela velocidade e resistência do cavalo, fosse um instrumento de força ou meio de levar mensagens e relatórios. O tanto não somente deixava para trás a infantaria, como podia manter um ritmo que suprido de combustível ou peças sobressalentes, ao mesmo tempo que seu aparelho de rádio permitia ao quartel general receber informações e transmitir ordens com a mesma velocidade que as operações pediam, um desdobramento que veio a ser conhecido durante a guerra como ‘tempo real’”. *Ibidem*, p. 381.

³⁶ E Marc Bloch a luz dos fatos fez uma análise do que aconteceu com a França em 1940. Para ele, a França ainda permaneceu nos sortilégios da Grande Guerra. Não souberam analisar os alemães. Se apegaram demais a velhas doutrinas. Pararam no tempo. Não souberam seguir conforme as tendências da velocidade que os alemães pregaram com a *Blitzkrieg*, pagando com uma derrota exacerbadora. Cf. BLOCH, Marc Leopold Benjamim. **A estranha derrota: testemunho escrito em 1940**. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011. p. 67-69.

O Brasil em 1942 não tinha um grande contingente de soldados nas fileiras do Exército.³⁷ Os tempos de paz impelem na redução desse contingente. Era todo reduzido a pequenas unidades no restante do Brasil para a defesa da pátria, sendo que, as maiores unidades ficavam situadas nas fronteiras e na capital federal, o Rio de Janeiro.

Ao traçar um panorama macro de toda a situação do Brasil na guerra, cabe a frente trabalhar o aspecto micro, analisar o 25º Batalhão de Caçadores³⁸, por ser a guarnição federal localizada em Teresina. Essa unidade estará dentro do contexto trabalhado anteriormente.

O 25º BATALHÃO DE CAÇADORES: MOBILIZAÇÃO E ADESTRAMENTO

Em 1942 não havia nenhum plano de mobilização geral para a guerra. Tanto que, nessa época a guerra pouco tem penetrado dentro do quartel até outubro desse ano. Isso pode ser concluído, a partir do que era auferido pelos *boletins internos* do 25º Batalhão de Caçadores que registram todas as atividades na guarnição, desde a patrulha³⁹ do dia até o arranchamento⁴⁰ dos praças. Todas as ações que são descritas lá têm um sentido prático para o comandante seja informado das atividades realizadas no batalhão e dê o aval da lavratura do boletim para ser arquivado.

A estrutura organizacional do Batalhão era basicamente composta por 3 companhias⁴¹ e um pelotão⁴² extra. A estrutura do Exército brasileiro *à la française* é terciário ou quaternário. Falando em miúdos, haviam as 2 companhias de “pés de

³⁷ “Nessa época, o Exército dispunha, apenas, dum efetivo da ordem de 60 000 homens, distribuídos pelas inúmeras unidades espalhadas pelo território nacional”. CASTELLO BRANCO, tenente-coronel Manoel Thomaz. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960. p. 77.

³⁸ Guarnição federal sediada em Teresina. Mas nem sempre essa guarnição teve esse nome. Ela, “Em 02 de janeiro de 1918, foi criado o 44º Batalhão de Caçadores, com parte do efetivo oriundo do 48º Batalhão de Caçadores de São Luiz-MA, tendo como primeiro Comandante o Cap. Domingos Monteiro. De acordo com o Decreto nº 13.916 de 11 de dezembro de 1919 do Exmº Sr. Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Epitácio Pessoa, o 44º BC recebe a denominação de 25º Batalhão de Caçadores. Somente em 16 de dezembro de 1925 foram inauguradas e ocupadas as instalações do novo aquartelamento, sob o comando do Cel. Gustavo Frederico Bentemuller”. Disponível em <<http://www.25bc.eb.mil.br/index.php/ultimas-noticias>>. Acessado em 15/05/2017

³⁹ Ação militar veiculada pelos praças encarregados de guardar e proteger as dependências da guarnição. Essas patrulhas eram sempre acompanhadas de um oficial comandante e possuía praças de todas as subunidades do batalhão. Os homens para patrulha eram escalados, e era a primeira atividade descrita nos *Boletins Internos*.

⁴⁰ Arranchamento é referente ao ato de alimenta-se. No batalhão, como no resto das unidades pelo Brasil, a cozinha era chamada de Rancho, como ainda hoje é.

⁴¹ Uma companhia “apresenta-se com dois tipos diferentes, conforme a natureza da secção extranumerária que a compõe: - Companhia de Fuzileiros tipo I: secção extranumerária tipo I e 3 pelotões de fuzileiros; - Companhia de Fuzileiros tipo II: secção extranumerária tipo II e 2 pelotões de fuzileiros” (sic). *Ibidem*, p. 37

⁴² “O pelotão de infantaria compunha-se de 3 grupos de combate”. BRASIL, Ministério da Guerra., loc. cit., p. 37

poeira”⁴³, e uma Companhia de Metralhadoras do Batalhão⁴⁴, reforçada pelo pelotão extra. Havia uma unidade menor e nuclear, que é chamada de grupo de combate⁴⁵. É uma unidade pequena tendo em vista o fim para o qual ela foi criada para a proteção do território brasileiro.

Na hierarquia militar, o Batalhão poderia ser comandado por um major ou por um tenente-coronel. As subunidades⁴⁶ companhias, poderiam ser comandadas por um tenente ou por um capitão; e os pelotões que compunham as companhias eram comandadas por um tenente ou 1º sargento.

O cotidiano dentro do Batalhão durante esse ano é bem agitado, se desconsiderarmos inicialmente o momento de guerra. Se bem que, ressaltando o que foi afirmado anteriormente, a guerra pouco estava presente no cotidiano. Como uma guarnição de exército, ela deveria ser bem protegida. Essa prática cotidiana é interessante no intuito de pressupor uma estratégia das Forças Armadas, de formarem o seu próprio *lugar* (grifo nosso). As patrulhas são *práticas panópticas*⁴⁷ (grifo do autor) de controle do espaço físico do batalhão. Essas patrulhas sempre comandadas por um tenente ou por um sargento.

A disciplina é um assunto bastante tratado no discurso do boletim. Isso não impele afirmar que os militares também eram retratos fieis da disciplina e da ordem. No boletim há caso de militares que se embreagem e se dirigem a bairros periféricos ao batalhão até havendo casos de praças que se apresentavam para o serviço completamente alcoolizados. A indisciplina na postura, ou em discussões arranjadas com oficiais marcaram a vida do militar. São táticas dos praças de sublevarem-se conforme a ocasião. Mas eles têm noção de sua ausência de poder. O praça⁴⁸ deveria seguir à risca o Regulamento Disciplinar do Exército⁴⁹. O praça tinha uma conotação como o representante da pátria, símbolo da

⁴³ Como são chamados os soldados de infantaria, apelido derivado das longas marchas praticadas pelos praças.

⁴⁴ Essa companhia é responsável pelo manuseio das metralhadoras e dos morteiros portáteis.

⁴⁵ Logo, “O grupo de combate, célula fundamental das unidades de infantaria e cavalaria é constituída de homens que servem, protegem e alimentam uma arma automática, e consta de 1 terceiro sargento, primeiro cabo e 8 soldados, formando duas esquadras”. BRASIL, Ministério da Guerra., loc. cit., p. 37

⁴⁶ Pequenas unidades existentes dentro do batalhão.

⁴⁷ Michel de Certeau, aqui denomina os efeitos práticos da utilização da *estratégia* como um campo que é dominado pela vista. Cf. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. A arte de fazer. 20. Ed. Trad. Eprahim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 2013. p. 93-94.

⁴⁸ Praças era o nome que eram chamados essas aos soldados que faziam parte das linhas sendo que muitos, ou eram convocadas, ou se voluntariavam para o exército no tempo de guerra.

⁴⁹ O regulamento é um instrumento de veicular a disciplina no meio dos praças. Ver mais em: BRASIL. Decreto-lei nº 8.835, de 23 de fevereiro de 1942. Aprova o Regulamento Disciplinar do Exército. **Coleção de leis do Brasil**. Brasília, DF, vol. 002, p. 4, 1942. Disponível em:

defesa devendo seguir sem reclamar suas ordens. O atenuante de muitas transgressões era a boa conduta⁵⁰. Como exemplo

o soldado tãmbor-corneteiro Nº 540 [...], da 1º Cia., por ter chegado a instrução atrasado, incurso nos nºs, 22 (chegar atrasado sem justo motivo, a qualquer ato de serviço que deva tomar parte ou assistir, estendendo-se isso as revistas, formaturas, instruções, serviços de escala e outros emanadas de ordem superior), digo, ofender o cabo do dia, nº 112 (ofender, provocar, desafiar, ou responder de maneira desrespeitosa ao superior, sem chegar isso a constituir crime)-G, do artº. 13, com atenuante do nº 1 (bôa conduta), se § 2º e agravante do nº 7, do § 3º, do artº. 16, tudo do R.D.E. – fica detido no quartel por 8 dias – continua na ‘Bôa’ conduta.⁵¹

Já em outros casos ao menor sinal de desobediência, ou até mesmo puro desleixo do praça em relação ao seu oficial, sem que haja o atenuante acima, era certo que esse praça arcaria com a consequência do ato, como

o sd., nº1062, desta sub-unidade [1ª Companhia], Antônio Pereira da Silva, por ter feito o serviço de plantão ao alojamento com relaxamento, permitindo assim, que um seu companheiro se escondesse debaixo de uma cama (nº 20 do art. 13, com o agravante do nº 1 do § 3º do art. 16, tudo do R.D.E., transgressão média), fica detido no quartel da Cia. por 4 dias, permanece no ‘comportamento mau’.⁵²

Uma falta dessa natureza era plenamente controlada no cotidiano do batalhão. Praças foram excluídos por furtar coisas do rancho, ou até mesmo por extravio do material de utilização dentro do cotidiano do Batalhão era condenável a restituição do que foi extraviado como a exclusão da guarnição federal. Aumentado o grau da transgressão a consequência de ser preso por tempo indeterminado ou expulso no batalhão era cogitada. Como outros exércitos, mas especialmente, nos de modelo francês o apreço pela disciplina e a hierarquia militar é condição estratégica do procedimento militar.

O Batalhão, procurava modernizar-se. Mas, havia um contraponto gravíssimo ao pretender alcançar o patamar técnico e fortemente adestrado. A grande maioria dos praças era analfabeta, tanto que uma das responsabilidades do Exército para com os seus praças era matricular os que eram completamente analfabetos em uma Escola Regimental⁵³ que funcionavam nos despojos do Batalhão. Consequentemente, como obter um corpo técnico, se os praças eram em sua grande maioria analfabetos? Houve até mesmo

<<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=414742&id=14452667&idBinario=15782072&mime=application/rtf>>. Acessado em: 20/03/2016.

⁵⁰ Essa prerrogativa também era louvada. As práticas cotidianas dos praças eram observadas e classificadas dentro da boa conduta. Cf. BRASIL. Boletim Interno nº 10, 25 BC, 13 jan. 1942, p. 45

⁵¹ BRASIL. Boletim Interno nº 7, 25 BC, 9 jan. 1942, p. 33

⁵² BRASIL. Boletim Interno nº 263, 25 BC, 12 nov. 1942, p. 1071

⁵³ O Batalhão tinha como demanda alfabetizar todos os praças que fossem analfabetos e dentro do serviço militar.

tentativas de matriculá-los em instruções que não requeressem tanta teoria. Os praças eram matriculados, no entanto, dias depois apareciam notificações ao Batalhão de que o praça matriculado obteve o cancelamento da inscrição por não frequentar as instruções.

Não somente a dificuldade de matricular praças para esses cursos eram enormes, como a dificuldade de trazer praças já experimentadas em serviços essenciais no Batalhão era de enorme dificuldade. Durante o ano dos *Boletins Internos* analisados, ficou percebido que muitos praças e oficiais eram matriculados, mas pouquíssimos permaneciam com a matrícula ativa. O batalhão precisava de condutores, sinaleiros, telegrafistas, sapadores, padioleiros, médicos, farmacêuticos, entre outros. Havia carência de muitas posições no Batalhão. No entanto, como achar praças que fossem experimentados nessas funções com homens que nem alfabetizados eram? Eram escassas tais funções na sociedade piauiense. Até mesmo com a abertura para reservistas⁵⁴ no serviço militar, essa dificuldade não foi sanada. Sem falar que o problema com o serviço militar só foi resolvido em 1942.⁵⁵

Durante anos de 1942, 1943 e 1944 houve trabalho intenso da Junta Militar de Teresina e da 26ª Circunscrição de Recrutamento⁵⁶. As publicações militares no *Diário Oficial* e no jornal *Gazeta* eram intensos. O aspecto militarizado do Estado Novo, permitia que essas publicações em vulto aparecessem no jornal, já que havia um controle do DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda).⁵⁷ Incentivava-se demais com mensagens de apelo patriótico nos jornais. Mensagens como “Reservista ou não, apresenta-te brasileiro! No Exército terás a sublime honra de defender a Pátria mesmo com o sacrifício da própria vida”⁵⁸; ou outra como “Brasileiro! Comparece ao

⁵⁴ São praças que foram dispensados do serviço militar em primeiro momento. No entanto, eles permanecem mobilizáveis até um momento em que o Exército os convoque.

⁵⁵ Celso Castro falará sobre isso. Para ele “Passados 71 anos da primeira lei sobre o sorteio, este deixava de ser o processo previsto para recrutamento. [...] Sete décadas de exortações patrióticas a favor do sorteio não surtiram o efeito que só a sequência de medidas punitivas que levaram à Lei do Serviço Militar Obrigatório produziu”. CASTRO, Celso. **Exército e nação**: estudos sobre a história do exército brasileiro. Rio de Janeiro: FGV, 2012. p. 82. O general de divisão Eurico Gaspar Dutra também ressaltará isso ao falar que “o que nos tem faltado, porém, para incrementar nossa atividade militar, é uma inteligente e tenaz propaganda, destinada a mudar completamente a errônea concepção generalizada que, por toda a parte campeia, a respeito do serviço militar, da vida nos quartéis e do espírito e finalidade deste primacial dever do cidadão: de concorrer com as veras forças da alma e a totalidade de sua sinergia para a conservação da integridade e da honra nacionais”.

⁵⁶ LIRA, Clarice Helena Santiago. **Piauí em tempos de segunda guerra**: mobilização local e as experiências do contingente piauiense da FEB. Dissertação. 160p. Teresina. UFPI, 2008. p. 63. A pesquisadora também trabalhará com a perspectiva da arregimentação no mar e no ar, falando do papel da capitania dos portos e do Aero Club.

⁵⁷ “Durante o período estadonovista apenas dois jornais tiveram circulação regular: o *Diário Oficial* e o *Gazeta*”. Cf. NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2015. p. 55-60.

⁵⁸ PIAUÍ. Reservista ou não, apresenta-te brasileiro! Teresina, **Diário Oficial**, 3 nov. 1943, p. 4.

voluntariado: fardado, em posição de sentido, olhar sereno sobre as dobras Auri-verdes, o Hino Nacional inflamará tuas virtudes militares, tornando-te um verdadeiro cidadão, digno do solo ubérrimo de tua Pátria”⁵⁹.

Há também publicações de militares em revistas das escolas teresinense como a revista *Voz do Estudante*, *Zodiaco*, *Caduceu* e *Porvir*. Como também havia presença dos militares nessas escolas. Precisava-se de homens novos, vigorados e prontos para a ação. Os jovens se enquadravam perfeitamente desse papel.

No entanto, a dificuldade com o recrutamento era gritante. O recrutamento era feito pelo Sorteio Militar⁶⁰, e o sorteio era muito falho. Somado a essa situação havia ainda outra, a dificuldade de recrutar os que foram sorteados. Variadas circunstâncias ocasionavam esse problema. Mesmo com toda a publicidade, há fatos que devem ser ressaltados. O *Diário oficial* e a *Gazeta*, mesmo com todo o esforço para serem tornados periódicos acessíveis, não eram ainda de grande circulação. O indicio disso é verificável ao analisar a quantidade de praças que se apresentavam após serem convocados para o serviço militar. Nem 50% aparecia na Circunscrição de Recrutamento para ser encaminhado a Junta Militar de Saúde. Como havia afirmado, o serviço militar não era a primeira aspiração dos jovens praças, se bem que há controvérsias. Muitos inventavam motivos esdrúxulos para não servir. Esses que fugiam, em sua grande maioria, eram pessoas filhos de pessoas influentes, que possuíam *status* ou até mesmo condição econômica melhor.

Aos que se apresentavam, outra dificuldade. Eram incorporados sem ter condições físicas nenhuma para o serviço no Exército, tanto fisiológica como psicologicamente. O Batalhão tinha uma junta. Mas, para que esse praça fosse incorporado, era preciso se apresentar em outra junta para que fizesse um exame como uma espécie de comprovação do aval da primeira junta. Isso não impedia de cometer erros também. Esses civis aptos para o serviço militar, como os reservistas que se apresentavam descobriam os problemas de saúde no primeiro mês da guarnição. Em 1942, o número de praças em observação médica sempre passa de duas casas decimais. Em 1943 e 1944 a situação é pior. A demanda de soldados para a unidade expedicionária aumentava, a qualidade da seleção

⁵⁹ PIAUÍ. Brasileiro! Teresina, **Diário Oficial**, 9 out. 1943, p. 8.

⁶⁰ O prefeito Lindolfo Monteiro aglutinava a função de presidente da junta de alistamento militar, onde o sorteio que era feito nessa instituição, alistava os jovens para o serviço militar, que eram encaminhados para a 26ª CR. O diário oficial era responsável por repassar a população o resultado dos sorteios que eram muitíssimos no período de arregimentação para a guerra. Mas, semelhantemente à convocação, era a debandada. Muitos jovens não compareciam para o serviço quando convocados.

não. Soldados ficam realmente muito doentes, que chegam a ser encostados⁶¹ dos quadros por não ter a mínima condição de serviço. Somente para compor as linhas do batalhão a dificuldade era tão imprescindível. Não podemos esquecer que, nesse ano, começa a mobilização para a 1ª D.I.E. (1ª Divisão de Infantaria Expedicionária).⁶²

E como essas dificuldades físicas eram identificadas? No cotidiano do batalhão, a começar pelo adestramento⁶³. O adestramento do praça nesse tempo, dentro das possibilidades e das estratégias adquiridas dos franceses, o treinamento era bastante intenso. Era preciso que houvesse um tipo físico apropriado para o soldado brasileiro. Portanto,

a matriz militar do tipo de educação física baseado no método francês gerava uma preocupação em *disciplinar* os corpos dos indivíduos semelhante ao efeito que a disciplina militar exercia sobre a tropa. O objetivo era fazer de cada corpo individual o corpo de um soldado e, com isso, forjar o *corpo da nação*. Essa era a contribuição fundamental que a educação física teria a dar dentro da visão do Exército como uma “escola da nacionalidade”, da ideia de que a organização militar teria o modelo ideal para a organização da sociedade.⁶⁴ (grifo do autor)

As marchas eram longas, indo de 16 a 20 km, e sempre acompanhadas pelo comandante da companhia podendo haver variados trajetos.⁶⁵ Só dentro dessas marchas já era encontrada força desses pracinhas. Alguns deles não conseguiam essa marcha desfalcando a companhia ao qual pertenciam. Porém, as marchas deveriam ser executadas para o bom condicionamento do pracinha.⁶⁶ O arranchamento do pracinha também não era dos melhores. Esse fator influía diretamente no rendimento e na frágil saúde desse praça.

A prática de tiro também era afetada. Muitas vezes a cota de tiro não era cumprida. Problemas de vários vultos implicavam em diminuir a efetividade do tiro de alguns

⁶¹ Excluídos ou sem condição de serviço militar temporariamente.

⁶² “A sua organização seria parcelada e, em princípio, se processaria em três escalões, compreendendo, cauda um, uma Divisão, elementos de Corpo de Exército e parte dos Serviços Gerais. A 1.ª D.I.E. seria constituída com reservistas das 1.ª, 2.ª e 4.ª RM; a 2.ª, com os das 3.ª, 5.ª e 9.ª; a 3.ª, com os da 7.ª RM; e os Elementos de CEx e os Serviços Gerais, de preferência, com os da 1.ª e 2.ª RM, tendo como sede, respectivamente, as cidades de Rezende, Sorocaba e Recife”. Ibidem, p. 127. Só que com todas as dificuldades, acabou sendo enviado somente uma Divisão. E a participação do Piauí se reduziu a um contingente que foi muito dividido e espalhado ao sair de Teresina para o Rio. Cf. LIRA, Clarice Helena Santiago, ibidem, p. 99-141

⁶³ Treinamento e instrução dos praças para o combate.

⁶⁴ Ibidem, p. 111.

⁶⁵ BRASIL. Boletim Interno nº 18, 25 BC, 22 jan. 1942, p. 81.

⁶⁶ “No período que se estende do início do Estado Novo até a entrada do Brasil, ao lado dos países aliados, na II Guerra Mundial, o caráter bélico e autoritário da educação física promovida pelos militares tornou-se muito acentuado. Por um lado, a enorme restrição às liberdades civis que o país viveu nesse período praticamente impossibilitou a manifestação de divergências em relação ao modelo oficial. Por outro, houve ampla disseminação de ideologias fascistas e racistas vinculadas à eugenia e à educação física”. CASTRO, Celso, op. cit., p. 100.

pracinhas, sendo até mesmo exigido pelo Batalhão que para o cumprimento da cota de efetividade, o pracinha arcasse com a munição para o fuzil. Com relação ao fuzil, o Exército brasileiro é conhecido por comprar fuzis de todo o vulto ao longo da história. O fuzil padrão do Exército desde 1935 era o modelo fabricado pela *Mauser Werke M1935*⁶⁷. Haviam versões dele como fuzil e carabina. Ao tempo, era um fuzil já ultrapassado. Os oficiais ainda eram muitos apegados a doutrinas do modelo francês.

CONCLUSÃO

No entanto, mesmo com essas dificuldades, o Exército brasileiro manteve sua tarefa no contexto que participou. As dificuldades eram intensas, mas, elas não eram propriamente do Exército. Elas eram dificuldades de vulto mais piauiense e brasileiro. Tendo em vista a formação e mobilização do aliado americano, a mobilização brasileira foi bem modesta. Esses problemas não eram somente característicos do 25º Batalhão de Caçadores. Numa tentativa de sanar dificuldades o Batalhão tentou agir das formas mais enérgicas possíveis. Na verdade, era o problema repetidamente perceptível em todas as unidades do Exército brasileiro. O vulto de modernização, e de maior investimento nas armas brasileiras só darão passos mais avançados depois da experiência da guerra. O Brasil não estava preparado para a guerra que entrava. Os piauienses menos ainda.

No entanto, não é possível deixar passar o controle do Exército sobre o cotidiano do pracinha. Mesmo com as dificuldades, a estratégia de controle e disciplina era levada à risca. Os procedimentos do saber militar estavam difundidos dentro do cotidiano civil. O exercício de modernização era candente. No entanto, mesmo que dificultosamente, com todas as dificuldades o Batalhão teve um importante papel no envio dos seus praças para o teatro de operações italiano. Para muitos, o praça brasileiro é um soldado tático. O tenente Andrade Poti⁶⁸ constatará isso ao afirmar que

⁶⁷ “A Mauser, embora ainda debaixo do Tratado de Versalhes e produzindo “secretamente” armas para equipar o Exército Alemão, ofereceu ao governo brasileiro o preenchimento desta demanda, com o Modelo 1935, em versões de fuzil ou de carabina. Essas armas, uma produção pré-guerra, apresentavam o que de mais perfeito a Mauser podia exibir no que tocava à acabamento e qualidade”. P. NETO, Carlos F. Fuzis e Carabinas na I e II Grandes Guerras. **Armas on-line**. São Paulo, dez. de 2015. Disponível em < <https://armasonline.org/armas-on-line/os-fuzis-e-carabinas-na-i-e-ii-grandes-guerras/> > .

⁶⁸ Tenente piauiense que saindo do 25º BC irá ser um dos integrantes da FEB. Ele participará do ataque a “Montese e Montello, a 1ª DIE empregou o 11º RI que ocupou Montese e Serreto, encontrando grande dificuldade devido à forte resistência oposta pelo adversário. No prosseguimento para Monte Buffone, recebeu o reforço do III/6º RI, cuja 7ª Cia foi violentamente atacada por artilharia e morteiros inimigos. Foi aí que o meu 3º pelotão foi muito sacrificado e eu, gravemente ferido”. BRASIL. Entrevista com o Tenente-Coronel Antônio de Andrade Poti. In: **História oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Tomo 2. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001. p. 66

ainda com relação ao nosso combatente, observei uma outra peculiaridade muito própria do nosso povo, que é a capacidade de improvisação, certamente, devido às suas origens étnicas. Eu mesmo improvisei muitas coisas, tais como: cerca de arame com armadilha de granada de mão; os montes de latas vazias que eu arrumava, protegidas por uma tabua que, quando acionada por um fio de tropeço, fazia-se espalharem-se, provocando enorme barulho que anunciava a aproximação do inimigo às nossas posições.⁶⁹

O praça brasileiro sabe jogar com as forças. Sabe sobreviver conforme a circunstâncias. São astutos. O jeito brasileiro acabou prevalecendo na Itália. Acabou ganhando a guerra. Mas, a sentença é necessário ter em mente que, quem se prepara para a paz, também precisa prepara-se para guerra.

REFEÊNCIAS

ALVES, Vagner Camilo. Armas e Política: O Exército e a constituição da Força Expedicionária Brasileira (FEB). In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOCS, 30, 2006, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: Encontro Anual da ANPOCS. p.1-21

ARAUJO, Johny Santana de. Para uma nova História Militar: repensando uma abordagem até então esquecida. In: ARAUJO, Johny Santana de; LIMA, Frederico Osanan Amorim; *et al.* **História entre fontes, metodologias e pesquisa**. Teresina: EDUFPI, 2011. p. 25-40

BLOCH, Marc Leopold Benjamim. **A estranha derrota**: testemunho escrito em 1940. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

_____. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONALUME NETO, Ricardo. **A nossa Segunda Guerra**: os brasileiros em combate, 1942, 1945. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura. 1995.

BRASIL. Entrevista com o Tenente-Coronel Antônio de Andrade Poti. In: **História oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Tomo 2. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001. p. 59-67

_____. Ministério da Guerra. **Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo general de divisão Eurico Gaspar Dutra Ministro de Estado da Guerra**. Rio de Janeiro. Imprensa Militar. 1940. 199p.

CASTRO, Celso. **Exército e nação**: estudos sobre a história do exército brasileiro. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

_____; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik. Da história militar à “nova” história militar. In: **Nova História Militar Brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 138-535.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. A arte de fazer. 20. Ed. Trad. Eprahim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 2013.

⁶⁹ Ibidem, 63-64

_____. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 55-106.

CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GEERTZ, Clifford. “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. In: **O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa**. Trad. de Vera Joscelyne. 14. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 60-74.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Trad. de Federico Carotti, 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.p. 143-180.

HOBSBAWM, Eric J., **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. Trad. de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

KEEGAN, JOHN. **Uma história da guerra**. Trad, de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIRA, Clarice Helena Santiago. **Piauí em tempos de segunda guerra: mobilização local e as experiências do contingente piauiense da FEB**. Dissertação. 160p. Teresina. UFPI, 2008.

MCCANN, Frank D. **Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945**. Trad. Jayme Taddei e José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Bibliex, 1995.

MALAN, Alfredo Souto. **Missão Militar Francesa de instrução junto ao Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2015.

P. NETO, Carlos F. Fuzis e Carabinas na I e II Grandes Guerras. **Armas on-line**. São Paulo, dez. de 2015. Disponível em < <https://armasonline.org/armas-on-line/os-fuzis-e-carabinas-na-i-e-ii-grandes-guerras/>>.

PIAUI. **Diário Oficial**, do ano de 1943, Teresina, Arquivo Público do Piauí.

_____. **Boletins Internos do 25° BC de 1942**. Teresina, Arquivo do 25° BC.

REMOND, René. **O século XX: 1914 aos nossos dias**. São Paulo: Cultrix, 1974.